

41117 – Teorias Sociológicas

Orientações para o estudo do Tema 2. A idade de ouro: as teorias sociológicas do pós-II Guerras Mundial aos anos 70

4. Análise estrutural dos factos sociais: Marxismo althusseriano, sociologia do conhecimento e semiologia

Apesar do título deste ponto do programa da UC, não discutiremos nele a obra de Louis Althusser nem outras correntes estruturalistas. Este ponto do programa aborda a corrente teórico-metodológica designada por sociologia figuracional a partir de uma reflexão sobre o trabalho do seu fundador, Norbert Elias. A sociologia figuracional, em geral, e Norbert Elias, em particular, não poderiam divergir mais das análises estruturalistas, incluindo da orientação teórica marxista assente na obra de Althusser. Os/as estudantes que pretendam desenvolver o seu conhecimento sobre Althusser deverão solicitar referências bibliográficas apropriadas à equipa docente através do fórum Dúvidas, mas nenhuma questão sobre Althusser será perguntada em qualquer momento da avaliação desta UC, independentemente do modelo de avaliação escolhido (avaliação contínua ou exame final).

A sociologia figuracional de Norbert Elias é profundamente original no universo das várias correntes sociológicas do século XX. Para Elias, a sociologia deve estar particularmente atenta aos modos como a interacção entre indivíduos produz tanto os próprios indivíduos quanto as estruturas inter-individuais.

No posicionamento teórico-metodológico da sociologia figuracional, estas “estruturas” são concebidas como figurações (para os propósitos desta UC, consideramos que os termos “figuração” e “configuração” expressam o mesmo conceito). Uma figuração é, essencialmente, uma rede de interdependências humanas com equilíbrios de poder assimétricos e dinâmicos, bem como com uma normatividade (*i.e.*, um conjunto de normas formais e/ou informais) e certas características (conscientes e/ou inconscientes) próprias, que decorre da interacção contínua entre indivíduos. Dado que têm uma normatividade própria, as figurações (incluindo uma sociedade) não são meros somatórios de indivíduos. Mas a sociologia figuracional não concebe estas redes de interdependências do mesmo modo que certas correntes estruturalistas concebem as estruturas sociais. Ou seja, se estas redes não são apenas agregados de indivíduos, elas também não têm uma vida própria independente dos indivíduos cuja interacção as gera. A chave interpretativa está na compreensão da interacção humana como um processo gerador de indivíduos e de figurações que leva a que estas últimas adquiram uma dose de autonomia considerável face a cada indivíduo, mas, ao longo do tempo, sejam inteiramente dependentes da interacção entre indivíduos.

Para Elias, ao interagirem continuamente, os indivíduos compõem redes de interdependências a vários níveis. O Estado, uma família, uma aldeia ou um país não são outra coisa que não redes de indivíduos interdependentes. Uma sociedade mais não é do que uma destas figurações, ainda que com um elevado grau de complexidade e diferenciação funcional dado o grande número de indivíduos que a compõem, e logo, o elevado número de relações entre indivíduos.

As figurações são sempre dinâmicas, *i.e.*, vão sendo modificadas ao longo do tempo pela interacção dos indivíduos. Contudo, a partir do momento em que uma destas redes de interdependências começa a estabilizar-se relativamente, ela começa a adquirir uma normatividade própria, que passam a influenciar os elementos que a compõem. Tomemos o Estado como exemplo. Este é apenas uma rede de indivíduos tornados interdependentes porque estão em interacção uns com os outros. Porém, a dada altura, esta interacção começa a estabilizar-se na forma de serviços públicos, ministérios, representações sobre a nação, leis e regulamentos, *etc.* Quando esta estabilização começa a verificar-se, a própria rede (o Estado) começa a condicionar, ainda que não inteiramente, o que os indivíduos (que a compõem) podem e não podem fazer, bem como os modos como estes pensam o mundo, os outros e a si mesmos.

Nenhum indivíduo tem autonomia total face às figurações que integra, ainda que possa ter, consoante a sua posição particular numa figuração concreta, um grau maior ou menor de autonomia. Simetricamente, as figurações são independentes de cada indivíduo concreto que as forma em interacção com outros indivíduos, mas não dos indivíduos em geral. Pensando figuracionalmente, não há qualquer oposição entre indivíduo(s) e sociedade, mas, antes, as duas entidades existem e transformam-se em conjunto. Não podem existir sujeitos fora de figurações, tal como não podem existir figurações sem sujeitos.

A sociologia figuracional preocupa-se, sobretudo, em entender como os fenómenos sociais se processam ao longo do tempo e não em compreender as suas causas. O conceito de síntese progressiva é usado por Elias para descrever esta forma como as interacções entre indivíduos se vão encadeando de modo a formar redes de interdependências cada vez maiores, que não são controladas por nenhum dos seus elementos isolados. Para Elias, a mudança histórica vai “crescendo por planos, mas de forma não planeada. [É] movida por fins, mas sem finalidade” (Elias, 2004, *A sociedade dos indivíduos*, Dom Quixote, p. 85). A cada momento e em cada espaço específicos, há sempre uma multiplicidade de interesses, intenções e planos individuais. Dado que os indivíduos estão em interacção permanente uns com os outros, as intenções de cada um chocam sempre com as daqueles com quem interage. Deste confronto de vontades resulta sempre uma direcção da acção colectiva que nunca é exactamente igual ao que nenhum dos seus participantes individuais planeava. Esta nova intenção vai, mais tarde ou mais cedo, confrontar-se com outros interesses e o processo repete-se. Este contínuo choque de intencionalidades espalha-se de modo a envolver um número de indivíduos progressivamente

maior, assim dando origem a redes de interdependências humanas cada mais mais extensas, complexas e internamente diferenciadas. Vistas no longo tempo histórico, estas figurações dirigem-se em direcções concretas, mas esta direcção nunca é idêntica ao que foi planeado por nenhuma das entidades individuais.

Pensemos no caso da passagem histórica dos feudos medievais para os Estados-nação modernos. Este caso exemplifica claramente este alargamento da extensão de figurações relativamente pequenas (os feudos) que, ao longo do tempo, se foram encadeando com outras figurações semelhantes (outros feudos), cada uma com os seus objectivos particulares, até, progressivamente, constituírem redes de interdependências que envolviam números crescentes de indivíduos, a fazerem um número cada vez mais elevado de coisas diferentes, ligados por um número também ele crescente de relações, o que aumentou consideravelmente a complexidade total do conjunto. A dada altura, sem que nenhum dos actores individuais envolvidos neste processo histórico o tenha planeado desta forma peculiar, os indivíduos passaram a ser interdependentes em redes tão vastas, e com características tão distintas, que já não era possível pensá-las como feudos. Sem que seja possível afirmar com exactidão quando começou o processo, pela síntese progressiva de intencionalidades e planos individuais, bem como pela síntese progressiva de figurações mais pequenas e simples, tinha chegado a era dos Estados-nação modernos.

Este posicionamento original da sociologia figuracional permite, porventura de modo mais produtivo do que muitas correntes teórico-metodológicas alternativas, ultrapassar vários dos dilemas que marcam a sociologia desde o seu início (por exemplo, a dicotomia acção/estrutura). A sociologia figuracional teve e tem, contudo, substancialmente menos aderentes do que outras orientações da disciplina. Para isto, não foi indiferente a posição de *outsider* institucional ocupada por Norbert Elias ao longo de quase toda a sua vida, que foi profundamente marcada pelo exílio da sua Alemanha natal durante a subida ao poder do partido nacional socialista. Apenas após a década de 1970 podemos verificar uma divulgação em maior escala de pensamento de Elias, numa época em que outras correntes sociológicas estavam já sedimentadas. Contudo, pela sua originalidade e pela sua capacidade de explicar como funcionam as sociedades humanas, recomenda-se vivamente a leitura da obra deste autor para além dos propósitos desta UC. Os/as estudantes que pretendam fazê-lo poderão solicitar à equipa docente que lhes recomende textos apropriados.

Para realizar o estudo deste tópico, deverá ler o texto abaixo indicado.

Hunger, Dagmar; Neto, Samuel de Sousa (2003), "A sociologia do conhecimento em Mannheim e Elias. Modelos teóricos de investigação social", comunicação apresentada no 7º Simpósio

Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação, decorrido em Piracicaba a de 23 a 26 de Março de 2003.

Realço que o texto indicado o pensamento de Karl Mannheim e de Norbert Elias. A informação sobre Mannheim é fornecida apenas para contextualizar a obra de Elias dado que o primeiro influenciou o segundo. Não serão feitas perguntas sobre a obra de Mannheim em nenhum momento de avaliação.

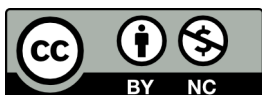
Tenha em mente que os materiais de apoio ao estudo disponibilizados não substituem a leitura do texto de Hunger e Neto.

Conceitos e temas centrais a reter durante a leitura:

- figuração/configuração
- rede
- interdependências
- processo
- modelo de jogos
- síntese progressiva
- poder

Como actividade formativa opcional (não avaliada), procure resumir as principais ideias do texto indicado como bibliografia obrigatória. Escreva as suas dúvidas e comentários interpretativos (ancorados na bibliografia e não, meramente, comentários de senso comum) no fórum da UC para serem discutidos com a equipa docente e os/as colegas.

Este texto foi preparado por João Aldeia para o ano lectivo 2023/2024 da unidade curricular Teorias Sociológicas 41117.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>